

## **A ESCRITA COMO ATO E INSTRUMENTO POLÍTICO: RESGATE DO FEMININO EM “O RISO DA MEDUSA”, DE HÉLÈNE CIXOUS**

**Daniella Dias Lopes**

**(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; Universidade Santa Úrsula - USU)**

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a ideia de “uma literatura sem literatura” traduzida na obra *O riso da Medusa*, de Cixous (2022 [1975]), e como esta perspectiva permite entendê-la como um ato e instrumento político. A pesquisa justifica-se por ser uma contribuição teórica para o cenário crítico literário brasileiro no que diz respeito às contribuições de Cixous em relação à inserção feminina no fazer literário. Os resultados alcançados apontam que a obra cixousiana possui uma significativa relevância para o entendimento e fortalecimento da mulher como escritora, além de possuir aspectos literários singulares, como a forma de promover uma literatura sem literatura.

**Palavras-chave:** Cixous; O riso da Medusa; escrita feminina.

São muitos os autores e obras e, conseqüentemente, os ângulos que podem guiar as discussões em torno das relações entre política, literatura e arte. No presente artigo, que terá como base o texto *O riso da Medusa* (2022 [1975]), a escolha pelo destaque do pensamento de Hélène Cixous possibilita que essa reflexão parta do ponto de vista das políticas do feminino e nos levem a dois caminhos que se entrelaçam – o primeiro, mais amplo e evidente, sendo o entendimento da escrita como política; e o segundo, a ideia de “uma literatura sem literatura”.

Conforme Miroir (2009), Hélène Cixous, durante a sua carreira acadêmica como professora de literatura, realizou, na esfera do programa de pós-graduação do Doutorado em Estudos Femininos e de Gênero, da Universidade de Paris VIII, muitos seminários, parcialmente ou totalmente, voltados às obras da escritora brasileira Clarice Lispector, o que deixa claro o seu empenho com relação ao assunto. A estudiosa francesa ficou conhecida por sua escrita experimental e por apresentar uma grande versatilidade não só como escritora, mas também como pensadora, dedicando-se principalmente à teoria literária e feminista. E *O riso da Medusa* é fruto desse interesse.

Neste texto, escrito em 1975, Cixous se utiliza do mito da Medusa e de alguns conceitos fundamentais da psicanálise – entre eles a falta e o falo, principalmente – para abordar a ausência do feminino na escrita, e encorajar que cada vez mais mulheres escrevam. Logo nas primeiras palavras de seu ensaio-manifesto, nos deparamos com a seguinte afirmação:

Eu falarei da escrita feminina: do que ela fará. É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres

virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal. É preciso que a mulher se coloque no texto – como no mundo, e na história –, por seu próprio movimento. (CIXOUS, 2022, p. 41)

E a previsão da autora, que diante do contexto de sua época convocava as mulheres à escrita com um certo senso de urgência, parece aos poucos se realizar ao longo dos anos, apesar da sub-representação feminina, de maneira geral, ainda ser uma realidade. Esta ausência, então, do feminino na escrita, é um sintoma da ausência da mulher em todos os âmbitos da vida social, e reivindicar esse espaço significa resgatar também seus próprios corpos e sua própria existência, que estiveram por tanto tempo sob o domínio masculino, na lógica de uma cultura “falocêntrica”. Ainda mais explicitamente quanto à proposta de utilização da escrita como ato e instrumento político de embate, Cixous diz:

[...] a escrita foi, até agora, e de maneira bem mais extensa, repressiva, mais do que supomos ou confessamos, administrada por uma economia libidinal e cultural – logo, política, tipicamente masculina –, lugar no qual se reproduziu de modo mais ou menos consciente e de maneira aterrorizante – pois que frequentemente escondida ou enfeitada com os charmes mistificadores da ficção – o afastamento da mulher; lugar que trouxe consigo, grosseiramente, todos os sinais da oposição sexual (não da diferença), lugar no qual a mulher nunca teve sua fala, sendo isso o mais grave e imperdoável, já que é justamente a escrita a própria possibilidade de mudança, o espaço do qual pode se lançar um pensamento subversivo, o movimento precursor de uma transformação das estruturas sociais e culturais. (CIXOUS, 2022, p. 49)

Nesse sentido, é interessante perceber que quando se refere a uma prática feminina da escrita – de impossível definição, segundo ela –, para além da ideia de libertação (óbvia, uma vez que se tem em mente o objetivo de escapar da dominação masculina), frequentemente aparecem associados termos como “ruptura”, “transgressão”, “transformação”, etc.

Na associação entre a prática feminina da escrita e os termos supracitados encontra-se a conexão com a ideia de “uma literatura sem literatura”, sendo esta uma literatura dos discursos silenciados e, portanto, que se enquadram no campo do não-oficial, daquilo que desvia, subverte. Apenas para exemplificar: comparativamente, a obra *Cosmopoética do Refúgio* (2020), de Dénètem Touam Bona, é também uma literatura sem literatura. Isso porque, ao tratar do conceito de “marronagem”, o filósofo lança luz ao fenômeno histórico da fuga de escravizados que, através de diversas experiências/práticas culturais, sociais e políticas, deram

voz aos “vencidos” para contarem a sua versão da história, assim subvertendo a ordem dominante (BONA, 2020) – que é aquela que dita a história tida como oficial.

Ambos os autores tornam em literatura (teoria literária, estudos acadêmicos, livros, etc.) as literaturas (histórias, realidades) que supostamente não existiam por não terem até então registros reconhecidos e respeitados, embora tenham sobrevivido de outras maneiras, ultrapassando os limites dos silenciamentos que lhes foram impostos. Por um lado, no caso da obra de Bona, o foco é a resistência de pessoas escravizadas e, por outro lado, no caso da obra de Cixous, o foco é a resistência de mulheres, com destaque para o âmbito intelectual e a escrita como ponto de partida.

A proposição de uma escrita feminina procura mudar o que se tentava convencer como sendo um “destino” – isto é, o silêncio –, para que seja possível, a partir da ruptura, mais do que ocupar esse espaço, criar escapando à norma, de forma que não mais reine a submissão ao patriarcal. Desse modo:

[...] ela ultrapassará sempre o discurso que rege o sistema falocêntrico; ela acontece e acontecerá para além dos territórios subordinados à dominação filosófico-teórica. Ela só se deixará imaginar pelos sujeitos que rompem com os automatismos, pelos que correm às margens e que nenhuma autoridade poderá jamais subjugar (CIXOUS, 2022, p. 57-58).

Na obra *O riso da Medusa*, Cixous convida as mulheres a escrever, pois “[...] é preciso que seu corpo se faça ouvir” para promover o que a autora chama de “des-censura” feminina com relação a sexualidade, para que a mulher tenha acesso às suas próprias forças “que lhe devolverá seus bens, seus prazeres, seus órgãos, seus imensos territórios, corporais mantidos lacrados” (2022, p. 51). Entende-se, assim, que a escrita feminina, feita por e para mulheres, essencialmente carregará aspectos transgressores para conseguir se impor diante do cenário já existente, mas independentemente do conteúdo, acima de tudo, o próprio ato da escrita representará um desafio a este cenário.

A escritora e estudiosa francesa Cixous (2022 [1975]) reflete sobre o papel que as mulheres tinham e o que elas poderiam e deveriam ter diante da sociedade, por meio de uma escrita voltada para o objetivo de guiá-las, convidando-as a emergir no universo da literatura e formar uma escrita feminina para alcançar a sua liberdade. Com isso, ela ressalta o papel político que o fazer literário pode ter e constrói, ao longo de sua vida, uma escrita que traduz a ideia de uma “literatura sem literatura”.

### **Referências bibliográficas:**

BONA, Dénètem Touam. **Cosmopoéticas do refúgio**. Tradução Milena Duchiane. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

CIXOUS, Hélène. **O riso da Medusa**. Tradução Natália Guerellus, Natália Bastos, Raísa França. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

MIROIR, Jean-Claude Lucien. **Clarice Lispector via Hélène Cixous**: uma leitura-escritura em vis-à-vis. 2009. 192 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.